

PRIMEIRA LINHA **CONSELHO EUROPEU****BERNARDO PIRES DE LIMA ANALISTA DE POLÍTICA INTERNACIONAL**

“Não haja ilusões. O euro não vai mudar assim tanto”

Bernardo Pires de Lima apresenta uma visão pessimista sobre a capacidade reformista da Europa. O analista não acredita que a reforma do euro em curso permita colmatar as deficiências da união económica e monetária e evitar uma nova crise do euro.

DAVID SANTIAGO
dsantiago@negocios.pt

Bernardo Pires de Lima não está optimista quanto ao alcance das reformas que vierem a ser acordadas neste Conselho Europeu e lamenta a falta de coragem dos líderes europeus.

É desta que vai haver acordo sobre a muito esperada reforma da União Europeia e, em particular, o aprofundamento da Zona Euro (ZE)?

Não, mas depende do que se entender por aprofundamento. Se for um reformismo minimalista de denominador comum do que é possível neste momento entre o governo alemão e a presidência francesa, muita gente sairá satisfeita porque é preferível esse entendimento mínimo a não existir nada. Um entendimento que vem com quase um ano de atraso, o que dá azo a que outras forças políticas tomem conta do debate da moeda única como anátema e não como solução.

Este mínimo denominador comum é satisfatório?

Não para aquilo que é exigido, que é um reforço muito maior no sentido de blindar o euro à próxima crise e, sobretudo, sinalizar que há uma moeda única forte em que qualquer país, por maior que seja, como é o caso de Itália, não terá capacidade para minar a estabilidade dos outros países da ZE. Isso não foi conseguido. O mínimo indispensável encontrado não é satisfatório para a dimensão de uma hipotética nova crise. Nem o calendário.

tética nova crise. Nem o calendário.

Ter esse orçamento em 2021?

Daqui a três anos podemos ter um movimento autodestrutivo do euro, a começar numa grande economia ou a multiplicar-se por pequenas economias expostas. Três anos no calendário político são uma eternidade. As reformas não podem ter esse calendário ou ficamos constantemente enredados em constrangimentos políticos e não saímos deste fatalismo. Mas não há demonstrações de coragem, portanto, os constrangimentos internos prevalecem sobre a coragem europeia.

Apesar de Merkel se ter aproximado das pretensões de Macron na moeda única, não é expectável uma dotação orçamental robusta. Será uma espécie de paliativo para colmatar uma necessidade básica?

Estamos num bloqueio porque a força das reformas da ZE não pode vir de outros eixos e o eixo franco-ale-

mão também não reduz toda a capacidade endógena da área do euro. Não há alternativas e esta que existe, que é a clássica, já não tem a força do passado.

Antes desta cimeira, um grupo de 12 Estados-membros, liderado pela Holanda, já avisou que rejeita a criação de um orçamento no bloco do euro.

O primeiro-ministro holandês está a tentar uma terceira via com os países nórdicos. Temos alinhamentos que não passam pelo alinhamento tradicional franco-alemão. Isto é relativamente novo. A expectativa sobre o impulso franco-alemão é muito grande em capitais como Lisboa ou Madrid, mas há muitas capitais onde esse impulso é visto como um efeito perverso. O ambiente político na Europa é de repulsa a directórios. O eixo franco-alemão não tem as mesmas condições do passado, é um motor, mas não agrada a todas as latitudes.

Há outros motores capazes de

dar um novo impulso à UE?

Não, o que há é motores de desintegração.

Vai vingar a visão do duo Merkel-Macron ou a ortodoxia orçamental dos países do centro e Norte europeus? Há um risco de uma Europa a várias velocidades?

Não tenho dúvidas de que nos próximos anos teremos uma UE a várias velocidades. Será necessária uma adaptação para isso ser gerível do ponto de vista das instituições.

Várias velocidades, inclusive dentro do euro?

O euro não vai ter uma grande velocidade, não haja ilusões. Não vai mudar assim tanto. As circunstâncias do euro, sobretudo as que estão sinalizadas por França e pela Alemanha, não indicam nenhuma aceleração das reformas, indicam é a cédência possível que a senhora Merkel pode fazer em função da pressão que tem da CSU na questão migratória e em função da pressão por reformas pró-Macron que é feita pelo SPD. A circunstância alemã é que ditará o alcance do plano Macron. Merkel é uma boa gestora de crises e actua bem sob pressão, mas todas as soluções passam por uma Alemanha que, enquanto país, não assume essa liderança.

Berlim não admitiu avançar com o sistema europeu de garantia de depósitos, insistindo na necessidade de primeiro diminuir os riscos. Isso não coloca em causa a união bancária tendo em conta que este era um dos pilares fundamentais?

Coloca. É um debate moral porque se trata de uma questão de confiança no sistema. E o sistema de uma certa geografia europeia não confia

“O ambiente político na UE é de repulsa a directórios. O eixo franco-alemão [...] é um motor, mas não agrada a todas as latitudes.”

“A ferida europeia é tanto norte-sul como leste-oeste.”

no sistema da outra geografia europeia. É também um debate muito cínico porque há muita banca dessa suposta geografia mais rica que não tem saúde financeira nenhuma, a começar pelos bancos da Alemanha ou da Letónia, que alinha na ortodoxia financeira alemã, mas que tem bancos expostos a uma corrupção endémica brutal.

O malparado não é um problema circunscrito ao Sul.

Pois não. Do ponto de vista político, todas as feridas abertas pela crise financeira não estão saradas. Não é por o senhor [Alexis] Tsipras dizer, de gravata posta, que está a terminar o último plano de resgate que as feridas ficam saradas. Vi isso nas viagens que fiz no ano passado. As percepções a norte não me parece que se tenham evaporado nem que o grau de confiança face ao Sul esteja ultrapassado. A ferida europeia é tanto norte-sul como leste-oeste. ■

